

As práticas de assistência em saúde frente ao autismo infantil

Health care practices in the face of childhood autism

Prácticas de atención a la salud frente al autismo infantil

Recebido: 20/12/2022 | Revisado: 02/01/2023 | Aceitado: 04/01/2023 | Publicado: 06/01/2023

Geovanna Renaiisa Ferreira Caldas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9820-309X>

Faculdade Venda Nova do Imigrante, Brasil

E-mail: geovannacaldas@hotmail.com

Larissa da Silva Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8709-4465>

Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

E-mail: larissa_silvateixeira@hotmail.com

Bárbara Lilla de Araújo Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7896-557X>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: barbara_lilla@outlook.com

Aniedne Hellen Cavalcanti

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3657-1625>

Universidade Brasileira, Brasil

E-mail: aniedneh@gmail.com

Letícia Gabrielle César de Carvalho Menezes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7287-950X>

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, Brasil

E-mail: leticiaesar1804@gmail.com

Vitória Madureira Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4417-3766>

Faculdade Frassinetti do Recife, Brasil

E-mail: vitoriamadureirasilva@gmail.com

Rafaela Caetano da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5369-6564>

Faculdade Frassinetti do Recife, Brasil

E-mail: irafaelacaetano@gmail.com

Mirelly Samara Moreira de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6663-3009>

Centro Universitário Leão Sampaio, Brasil

E-mail: mirellymoreiralima@gmail.com

Bernardo Lannes Ventura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7012-4661>

Universidade Iguazu, Brasil

E-mail: bernardolannes25@gmail.com

Resumo

Objetivou-se identificar como se dá a assistência por profissionais da área da saúde com crianças que possuem o diagnóstico de autismo. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, do tipo narrativa, exploratória e com uma abordagem qualitativa. Realizada através de busca nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Base de Dados da Enfermagem (BDENF) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), todos esses via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo uma biblioteca que reúne diversos bases dados. Para busca dentro dessas bases de dados, utilizou-se alguns Descritores em Ciências da Saúde (Decs), sendo eles: “Autismo”, “Autismo Infantil”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Profissionais da Saúde”, “Assistência em Saúde Mental” e “Assistência à Saúde”, em associação ao operador booleano AND e OR. Com isso, entende-se que o papel dos profissionais que atuam na área da saúde é assegurar que as necessidades da família sejam satisfeitas desde o diagnóstico até o tratamento. Observou-se então que, de uma maneira geral, essa atuação dos profissionais inclui o acolhimento adequado com escuta qualificada, a criação de vínculos com a criança e com os pais, a identificação precoce sinais para o diagnóstico prévio, o apoio perante tal diagnóstico, a realização de intervenções, o estímulo a busca por grupos de apoio, e principalmente, o estímulo a superar as limitações, conforme a evolução única de cada criança.

Palavras-chave: Autismo; Autismo infantil; Profissionais da saúde; Assistência à saúde.

Abstract

The objective was to identify how health professionals provide assistance to children diagnosed with autism. This is a bibliographic review research, narrative, exploratory and with a qualitative approach. Performed by searching the following databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (Lilacs), Nursing Database (BDENF) and Scientific Electronic Library Online (SciELO), all via the Virtual Health Library (VHL).), being a library that brings together several databases. To search within these databases, some Health Sciences Descriptors (Decs) were used, namely: "Autism", "Childhood Autism", "Autistic Spectrum Disorder", "Health Professionals", "Health Care Mental" and "Health Care", in association with the Boolean operator AND and OR. With this, it is understood that the role of professionals working in the health area is to ensure that the family's needs are met from diagnosis to treatment. with qualified listening, the creation of bonds with the child and with the parents, the early identification of signs for the previous diagnosis, the support before such a diagnosis, the performance of interventions, the stimulus to the search for support groups, and mainly, the I encourage them to overcome limitations, according to the unique evolution of each child.

Keywords: Autism; Infantile autism; Health professionals; Health assistance.

Resumen

El objetivo fue identificar cómo los profesionales de la salud brindan asistencia a los niños diagnosticados con autismo. Se trata de una investigación de revisión bibliográfica, narrativa, exploratoria y con enfoque cualitativo. Realizada mediante búsquedas en las siguientes bases de datos: Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud (Lilacs), Base de Datos de Enfermería (BDENF) y Biblioteca Científica Electrónica en Línea (SciELO), todas a través de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), siendo una biblioteca que reúne juntar varias bases de datos. Para la búsqueda dentro de estas bases de datos, se utilizaron algunos Descriptores de Ciencias de la Salud (Decs), a saber: "Autismo", "Autismo Infantil", "Trastorno del Espectro Autista", "Profesionales de la Salud", "Cuidado de la Salud Mental" y "Cuidado de la Salud", en asociación con el operador booleano AND y OR. Con esto, se entiende que el papel de los profesionales que actúan en el área de la salud es asegurar que las necesidades de la familia sean atendidas desde el diagnóstico hasta el tratamiento, con la escucha cualificada, la creación de vínculos con el niño y con los padres, la identificación temprana de las señales para el diagnóstico previo, el apoyo ante tal diagnóstico, la realización de intervenciones, el estímulo a la búsqueda de grupos de apoyo, y principalmente, el estímulo a la superación de limitaciones, según la evolución única de cada niño.

Palabras clave: Autismo; Autismo infantil; Profissionais da saúde; Assistência à saúde.

1. Introdução

A palavra "Autismo" foi utilizada pela primeira vez como uma manifestação da esquizofrenia, no ano de 1911 por Bleuler, dado esse nome por "viverem em seu mundo" ou simplesmente "fugirem da realidade". Com o passar dos anos, em 1942, houve uma evolução por Leo Kanner, o qual usou essa expressão ao descrever comportamentos como a obsessividade e estereotípias, daí em diante, essas características foram denominadas Autismo Infantil Precoce (Mas, 2018).

O Transtorno do Espectro Autista, como é conhecido atualmente, é um distúrbio que ocasiona manifestações desde os primeiros dias de vida, apresentando um déficit na interação social, na comunicação e no comportamento, ou seja, crianças com esse quadro possuem uma dificuldade em habilidades de relacionar-se, na escrita, na fala, na leitura e compreensão, ainda apresentando uma dependência nas questões de habilidades básicas do nosso dia a dia, como o autocuidado. Essas autonomias e capacidades variam conforme os ensinamentos, ajudas e estimulações dos pais, quanto menos compreenderem a situação ou façam uma superproteção, será maior o risco, o comprometimento e o grau (Colégio Academia, 2021 & Rodrigues et al., 2017).

Algumas das características relacionadas a essas crianças, é que no geral, elas não fazem contato visual com outras pessoas, mesmo que seja para pedir ajuda ou para se dirigir a elas, além da complicação de possuírem rostos inexpressivos, há ainda, como característica mais comum, a dificuldade de criar vínculos e de promover uma comunicação adequada (Neurosaber, 2021).

Mesmo com todo avanço sobre o conhecimento da doença com o passar dos anos, as causas do autismo ainda são desconhecidas. Uma das hipóteses é que tenha relação com algumas anormalidades presentes no cérebro que não se definiu e que provavelmente tenha sido de origem genética ou causados por problemas na gravidez ou ainda, no momento do parto. Ou seja, não existe uma certeza sobre a casualidade, podendo considerar algumas problemáticas vivenciadas durante toda a gestação (Santos & Grillo, 2015).

Todavia, apesar dessa hipótese ter sido descartada por muitos autores, ainda há quem acredita na possibilidade de ser causado pela rejeição materna. Então, faz-se necessário o diagnóstico precoce quando houver algum dos sintomas comumente identificados em crianças autistas, a partir de uma avaliação do quadro clínico daquela criança, utilizando a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde (CID-10), o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais da Academia Americana de Psiquiatria (DSM-IV) ou o Checklist de Autismos em bebês (CHAT) (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2019).

Em relação ao tratamento, esse é baseado na redução dos sinais (agressividade, agitação), a partir de medicamentos e neurolépticos, levando em consideração que estes são pacientes crônicos e que o tratamento será por um longo período, com acompanhamento constante de profissionais, para a melhor exatidão. Entretanto, cabe ainda um acompanhamento pedagógico com abordagens multidisciplinares. Deve-se ter um bom entendimento dos pais sobre o assunto e sobre como conviver, dos professores ou profissional indicado para tais estudos e dos profissionais de saúde, como exemplo, o enfermeiro pela maior convivência no hospital e sobre como irá se portar, conversar e quais práticas este irá realizar com tais crianças (Konkiewitz, 2013).

Primeiramente, os profissionais da área da saúde necessitam saber diferenciar o Autismo de outros transtornos mentais, compreendendo a complexidade do Espectro, onde os enfermeiros carecem de um conhecimento amplo sobre o transtorno, mas que além disso, aprendam a conversar com essas crianças, pela incapacidade de comunicação que possuem, deve-se ter contato e comunicação com a família, explicando que não causem, nem permitam a exclusão do filho na sociedade e que devem acima de tudo, entender o transtorno, valorizando cada passo e cada evolução, sendo prestativo e apoiando todas as necessidades daquela criança e dos familiares, visto que esses, vivenciam uma complexidade que afeta todo os aspectos do dia a dia.

Optou-se pelo seguinte tema devido a carência de estimular o conhecimento sobre a presente temática, pois a saúde mental segue sendo o mal do século, porém segue sendo deixada de segundo plano. Sendo assim, existe a justificativa para o seu desenvolvimento possível realização com o conhecimento científico e com os aspectos sociais.

A partir desse entendimento, surgiu-se o seguinte questionamento: “Quais são as práticas de assistência e atuação dos profissionais da saúde frente ao diagnóstico de autismo em crianças?”. Sendo essa, a questão norteadora para o desenvolvimento da pesquisa.

Com isso, objetivou-se identificar como se dá a assistência por profissionais da área da saúde com crianças que possuem o diagnóstico de autismo.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, do tipo narrativa, exploratória e com uma abordagem qualitativa.

A pesquisa do tipo Exploratória é descrita por Gil (2002, p.41) como uma pesquisa que objetiva: “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso”.

Já em relação a abordagem Qualitativa, segundo Minayo (1995, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Realizada através de busca nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Base de Dados da Enfermagem (BDENF) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), todos esses via Biblioteca Virtual

em Saúde (BVS), sendo uma biblioteca que reúne diversos bases dados.

Para busca dentro dessas bases de dados, utilizou-se alguns Descritores em Ciências da Saúde (Decs), sendo eles: “Autismo”, “Autismo Infantil”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Profissionais da Saúde”, “Assistência em Saúde Mental” e “Assistência à Saúde”, em associação ao operador booleano AND e OR. Foi utilizado algumas estratégias de buscas, descritas no Quadro 1:

Quadro 1 - Estratégias de busca dentro das bases de dados, 2022.

Estratégia 1	“Autismo” AND “Profissionais da Saúde”
Estratégia 2	“Autismo Infantil” AND “Profissionais da Saúde”
Estratégia 3	“Transtorno do Espectro Autista” AND “Profissionais da Saúde”
Estratégia 4	“Autismo Infantil” AND “Assistência em Saúde Mental”
Estratégia 5	“Autismo Infantil” OR “Autismo” OR “Transtorno do Espectro Autista” AND “Assistência à Saúde” AND “Profissionais da Saúde”

Fonte: Autoria própria (2022).

Para a seleção dos documentos que iriam compor a presente revisão, levou-se em consideração critérios de elegibilidade. Dos quais, entre os critérios de inclusão, cita-se: artigos, monografias, teses e dissertações, pesquisas publicadas nos últimos 10 anos, na língua portuguesa, inglesa ou espanhola e que respondessem à questão norteadora e tivessem relação com o objetivo proposto.

Excluindo-se os documentos pagos, que estivessem incompletos ou sem conclusão, resumos simples, resumos expandidos e pesquisas fora da temática abordada.

A escolha de utilizar documentos dos últimos 10 anos possui relação com o fato de que o autismo não é o foco de muitas pesquisas, sendo então, um tema pouco considerado no mundo científico entre os pesquisadores, ou seja, incluindo apenas os últimos 5 anos poderia levar a falta de documentos para compor a revisão.

3. Resultados e Discussão

3.1 Estratégias das famílias

Algumas famílias utilizam os meios de comunicação, onde transmitem suas experiências e assim, ajudam novas famílias a conviverem com um doente de autismo, dando uma “voz”. Por exemplo, criação de blog, canal no Youtube, mostrando que a internet quebrou barreiras na tentativa de aumentar a interação e encontrar soluções que se depararam com seus filhos. A utilização desses canais de comunicação que abordam sobre o autismo, tendem a auxiliar no sentido de ser um local de desabafo, mas também de conexão com outras famílias e crianças que vivenciam a mesma complexidade (Katerberg, 2021).

Todavia, esse tipo de diagnóstico requer um acompanhamento especializado e com uma equipe de profissionais da área da saúde. Com isso, outras famílias na tentativa de encontrar soluções, buscam diferentes profissionais de saúde, pois reconhecem que o diagnóstico do autismo é algo difícil, então tentam procurar outras opiniões, se não existe equívoco ou querem saber as possíveis formas de tratamento (Pinto et al., 2016).

Evidencia-se que “é possível compreender que o recebimento desse diagnóstico provoca um estado de desafios para a criança, a família e os profissionais de saúde, pois desencadeia diversas mudanças no dia-a-dia da família, carecendo de maior atenção, gastos financeiros, maior necessidade de tempo e cuidado” (Caldas et al., 2022, p. 25). Sendo então, um diagnóstico de difícil recebimento, pois aquela pessoa carecerá de cuidados diferenciados durante toda a vida.

O papel da família inicia-se desde a identificação de sinais prévios e alterações comportamentais, incluindo alterações na fala, sensibilidade sonora, complexidades na comunicação e em todo o aspecto social e forte seletividade alimentar. Com essa identificação, buscando a ajuda de profissionais da saúde para obtenção de um diagnóstico prévia e acompanhamento adequado

com toda a equipe, para que assim, a criança possa receber a assistência adequada e evoluir com um melhor prognóstico (Silva et al., 2018).

3.2 Assistência prestada pelos profissionais da saúde

A revelação da doença é o primeiro aspecto, sendo ele um dos mais estressantes, os pais nem sempre se satisfazem, mas relatam satisfação quando percebem que os profissionais de saúde dão as informações de maneira franca e respeitam a situação, entendendo o tempo necessário para demonstrar emoções e para responder todas as dúvidas, deixando o mais esclarecido possível (Cunha, 2015).

Sobre a importância desse diagnóstico ser prévio, a pesquisa desenvolvida por Zanon, Backes & Bosa (2017) referem que as crianças brasileiras geralmente são diagnósticas com cinco anos. Esse fato pode gerar dificuldades na vida dessa criança e dos seus familiares, pois antes dos cinco anos, aquela criança já terá ido para a escola, convivido com outras pessoas e outras crianças, apresentando e vivenciada dificuldade, sem conseguirem identificar a razão para tais fatos. Com isso, o recebimento do diagnóstico, apesar de ser extremamente difícil de se ouvir, ajuda no entendimento e explicação de várias situações do dia a dia dessa criança.

Com isso, entende-se que o papel dos profissionais que atuam na área da saúde é assegurar que as necessidades da família sejam satisfeitas desde o diagnóstico até o tratamento (Silva, 2019). Deve-se ainda, estabelecer uma relação mostrando tais resultados relacionados em relação a doença, compreendendo que o papel dos profissionais vai muito além da aplicação de procedimentos, toda consulta começa com uma comunicação adequada, considerando o aspecto verbal e o não-verbal, principalmente em crianças que possuem dificuldades na fala, após isso, é necessário manter um vínculo entre profissional, paciente e família ou ponto de apoio, visto que, será isso que dará segurança durante todo o acompanhamento, com o objetivo de auxiliar na melhor qualidade de vida daquela criança, integrando-a dentro da sociedade de forma natural (Gomes, Silva & Moura, 2019)

não se restringe a executar técnicas e procedimentos, ele deve desenvolver a habilidade de comunicação que satisfaça a necessidade do paciente portador de TEA, pois esta é uma ferramenta que garante a qualidade do processo de cuidar. É também seu papel, orientar a família a se comunicar com a criança no ambiente domiciliar, para estimulá-la a interagir com aqueles que com ela convivem. O desenvolvimento da capacidade comunicativa é capaz de mudar os hábitos da criança, integrá-la à sociedade e, com isso, melhorar sua qualidade de vida [...].
[...] vai desde a avaliação inicial da criança, o acompanhamento do tratamento, a educação e o apoio à família. [...] trabalhe juntamente a família, proporcionando a troca de conhecimento entre familiares-profissionais com intuito de aprimorar o cuidado a criança com TEA, visando assegurar uma melhor qualidade de vida a criança (Junior & Mota, 2021, p. 14-15).

Faz-se necessário analisar ainda diversas outras atitudes realizadas por profissionais, perante a família e a criança com o transtorno do espectro autista. Sendo elas, a negligência, incluindo os profissionais que não procuram entender o assunto e tratam o caso como um qualquer, sem nenhum tipo de atenção e cuidados baseado nas necessidades específicas de cada caso ou profissionais que desvalorizam as queixas dos pais, ignorando a possibilidade de ser tal transtorno, tratando tais opiniões irrelevantes, ignorando a fala e a dor do outro (Cunha, Neto, Nascimento & França, 2021).

O profissional da saúde deve demonstrar carinho através do toque, respeitando e espaço e preferências da criança, mas mantendo um certo vínculo, mesmo que não ocorra nenhum tipo de retorno da parte da criança com autismo, deve-se observar, estimular e estar sempre atento ao que diz a criança, ensinar e estimular o autocuidado com a sua higiene pessoal, ensinar os limites que ela possui e sempre buscar evoluir, estimular a socialização geral, com atividades em grupos de apoio com outras pessoas que possuem o mesmo diagnóstico ou a ainda, grupos de apoios para os familiares em conjunto com outros pais que vivenciam a mesma situação, desestimular a agressão e a autoagressão, ensinado a desviar sua atenção para outras coisas e outras

prioridades e sempre atuar buscando melhorias no quadro geral daquela criança (Silva et al., 2019).

É válido afirmar que esse diagnóstico na criança requer acompanhamento de toda a equipe de saúde. Ao iniciar com o profissional da medicina, com o papel de detectar sinais de alardes entre as crianças que estão sendo atendidas, ouvindo e considerando as queixas das famílias, até diagnosticar a patologia de maneira prévia e prescrever um tratamento adequado atrelado a um plano de cuidados a ser realizado diariamente (Oliveira, 2017).

Já em relação a equipe de enfermagem, esses profissionais destacam-se devido ao grande potencial da criação de vínculo com a criança e os familiares, o enfermeiro e o técnico de enfermagem são os profissionais da saúde que possuem maior contato com a população em geral, além de ser o primeiro contato ao chegar em uma unidade, das avaliações constantes e das consultas de enfermagem (Araujo et al., 2019).

O papel do profissional da odontologia apresenta muitas dificuldades, a criança autista apresenta muita resistência a ideia de ficar de boca aberta, enquanto uma pessoa estranha mexe nos seus dentes. Ou seja, a atuação do dentista começa no rompimento dessa resistência e adaptando sua consulta, englobando ainda, a parte de orientações sobre higiene bucal (Odontomania, 2016).

Já em relação ao psicológico, este é descrito como profissional necessário, seja para acompanhamento com a criança ou com os pais. Percebendo então que:

[...] o psicólogo é um profissional essencial tanto nas redes de apoio em saúde pública mental quanto nas equipes multidisciplinares. Sua atuação acontece em parceria, de forma articulada e planejada, junto a pessoa com esse distúrbio, seus familiares e diferentes profissionais e instituições sociais [...]

[...] ao se caracterizar a atuação do psicólogo no atendimento de pessoas com TEA, constatou-se que a figura desse profissional é essencial e acontece desde a identificação, o diagnóstico até o tratamento. É ele quem se encarrega de preparar e notificar as famílias sobre o que foi observado, com a sua postura ética e humana, e se propõe a esclarecer, ajudar e orientar sobre quais possíveis tratamentos podem ser realizados, sobre os cuidados que devem ser tomados e que rotinas devem ser estabelecidas, assim como realizar encaminhamentos aos profissionais adequados, de acordo com cada quadro clínico identificado (Lima, 2022, p. 4).

Por fim, cita-se o papel do fisioterapeuta frente a essa patologia, sendo essa atenção voltada na busca pela independência daquela criança, no sentido de autocuidado, locomoção e marcha, controle do esfíncter e toda a parte motora e sensorial, feita através de estimulações e aplicações de técnicas e práticas da área da fisioterapia, com o objetivo de torna-las menos dependentes dos seus pais e cuidadores, para que possam vivenciar uma vida comum (Ferreira et al., 2016).

4. Considerações Finais

A partir desses dados analisados, percebe-se que a assistência prestada a criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista inclui toda a equipe multiprofissional de saúde, onde cada profissional desempenha uma função e um papel, baseado na sua formação.

Observou-se então que, de uma maneira geral, essa atuação dos profissionais inclui o acolhimento adequado com escuta qualificada, a criação de vínculos com a criança e com os pais, a identificação precoce sinais para o diagnóstico prévio, o apoio perante tal diagnóstico, a realização de intervenções, o estímulo a busca por grupos de apoio, e principalmente, o estímulo a superar as limitações, conforme a evolução única de cada criança.

Como recomendação para trabalhos futuros, cita-se o desenvolvimento separado da atuação de cada profissional e/ou uma pesquisa que inclua a visão dessas crianças, identificando quais são as suas maiores queixas e necessidades, para que assim, os profissionais consigam montar um plano de cuidado e ações baseado nessas respostas.

Referências

- Araujo, C. M., de Souza Nascimento, J., & Dutra, W. L. et al. (2021). O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde (ReBIS)*, 1 (3): 31-35.
- Caldas, M. L. F., Caldas, G. R. F., Araújo, D. F. A., Silva, R. C. S. et al. (2022). *Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Repercussões Familiares*. In: RFB Editora: Pesquisas em temas de Ciências da Saúde, Belém, 17 (1), 209 f.
- Colégio Academia. (2021). 8 benefícios do acompanhamento pedagógico para crianças e adolescentes. Colégio Academia, 21 jan.
- Cunha, L. H. C. S. (2015). *A psicanálise aplicada ao sintoma profissional: uma abordagem do burnout entre médicos*. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, fev.
- Cunha, P. R. D., Neto, S. M., Nascimento, T. S., & França, U. C. D. (2021). *Transtorno do espectro autista: principais formas de tratamento*. Trabalho de Curso – Faculdade UMA de Catalão, Catalão.
- Ferreira, J. T. C., Mira, N. F., Carbonero, F. C., & Campos, D. (2016). Efeitos da fisioterapia em crianças autistas: estudo de séries de casos. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 16(2), 24-32.
- Gil, C. A. (2002). *Como elaborar um projeto de pesquisa*. Atlas, ed.4.
- Gomes, M. M., Silva, S. R. A. M., Moura, D. D. (2019). A importância da família para o sujeito portador de autismo, a educação e a formação docente. *Revista Educação Pública*, 19 (25).
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ipea. (2019). *Implementando desigualdades: reprodução de desigualdades na implementação de políticas públicas*. Rio de Janeiro: Ipea, 730 p
- Junior, J. C. S., & Mota, L. M. (2021). *O papel do enfermeiro na identificação precoce do transtorno do espectro autista na atenção primária*. Centro Universitário Tiradentes-UNIT/AL: Alagoas, 17 f.
- Katerberg, L. P. *O uso de tecnologias para o público com Transtorno do Espectro Autista: estudo de um caso de um canal do Youtube*. 2021. 131 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, 2021.
- Konkiewitz, E. C. (2013). *Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência: uma visão transdisciplinar*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. 312p.
- Lima, R. P. (2022). A intervenção psicológica no atendimento da pessoa com transtorno do espectro autista. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, 22 (43): 1-5, nov.
- Mas, N. A. (2018). *Transtorno do espectro autista-história da construção de um diagnóstico*. Dissertação de Maestría, Instituto de Psicologia, Universidad de São Paulo, São Paulo.
- Minayo, M. C. S. (1995). *Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80*. São Paulo: HUCITEC, 304 (64): 356 f.
- Neurosaber. (2021). Autismo: como é a dificuldade no contato visual. *Instituto NeuroSaber*,
- Odontomania. (2016). Tratamento odontológico para pacientes autistas. *Odontomania – Odontologia*, nov.
- Oliveira, F. V. C. (2017). *Transtorno do espectro autista - O papel do médico de família no diagnóstico precoce e suporte familiar*. 2017. 49 f. Doctoral dissertation, Universidade de Coimbra, Coimbra, jav..
- Pinto, R. N. M., Torquato, I. M. B., Collet, N., Reichert, A. P. D. S., Souza Neto, V. L. D., & Saraiva, A. M. (2016). Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37 (3): 1-9.
- Rodrigues, S. M. P. et al. (2017). Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. *Escola Anna Nery*, 21 (1): 1-9.
- Santos, F. H. & Grillo, M. A. (2015). Transtorno do Espectro Autista-TEA. *Colloquium Humanarum*, 12 (3): 30-38.
- Silva, B. S., Carrijo, D. T., Firmo, J. D. R., Freire, M. Q., de Pina, M. F. Á., & Macedo, J. (2018). Dificuldade no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista e seu impacto no âmbito familiar. *XI Evento Científico – 15ª mostra de saúde (CIPEEX)*, 1086-1098.
- Silva, S. D. A. (2019). Mediação escolar no transtorno de espectro autista: abordagem na sala de recursos multifuncional. *Revista Educação Pública*, 19(6), mar.
- Silva, S. À., Lohmann, P. M., da Costa, A. E. K., & Marchese, C. (2019). Conhecimento da equipe interprofissional acerca do autismo infantil. *Research, Society and Development*, 8(9), 01-18.
- Zanon, R. B., Backes, B., & Bosa, C. A. (2017). Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais, familiares e da criança. *Psicologia: teoria e prática*, 19 (1), 152-163.